

O Covid-19 deu-nos a oportunidade de construir um futuro com poucas emissões de carbono

O confinamento não nos salva do aquecimento global, mas a pandemia é uma oportunidade para procurar uma recuperação económica verde

Por Christiana Figueres
01 de Junho, 2020

Christiana Figueres foi chefe da convenção de mudança climática da ONU que alcançou o acordo de Paris em 2015



"Na Europa, a produção automóvel está pressionada para diminuir os padrões de emissões." Chanceler alemã Angela Merkel no Salão do Automóvel de Frankfurt no ano passado.

Fotografia: Sean Gallup / Getty Images

O ar é limpo e fresco, os peixes reapareceram nas águas urbanas, os pássaros frequentam jardins onde a relva não está aparada, os mamíferos selvagens vagueiam pelas cidades e as emissões de gases de efeito estufa provavelmente cairão 8% este ano. A natureza claramente beneficiou de vários meses com a atividade económica drasticamente reduzida. Do ponto de vista da crise climática, a quebra nas emissões é surpreendentemente próxima da redução anual de 7,6% que os cientistas recomendam como necessário durante a próxima década. E, no entanto, não é motivo para celebrar.

A resiliência da natureza é temporária e durará apenas enquanto o confinamento for imposto. Mais importante ainda, a redução de gases de efeito estufa não é o resultado da descarbonização da economia, mas consequência não intencional da paralisação económica com resultados dolorosos e custos enormes para a vida e dia a dia. Assim não combatemos a crise climática. A redução ponderada dos gases de efeito estufa deve ser intencional, não circunstancial, com elevados custos e temporária. Acima de tudo, deve levar à melhoria do bem-estar humano, não ao sofrimento humano ou económico.

Existe uma segunda ligação inadvertida entre a crise climática e a pandemia de coronavírus que talvez seja menos explorada. Os pacotes de ajuda de recuperação projetados e implementados pelos governos para resgatar a economia global em dificuldades podem chegar aos US \$ 20 bilhões nos próximos 18 meses. A escala deste estímulo moldará a economia global na próxima década, se não mais. É precisamente a década que os cientistas alertaram que as emissões globais precisam de ser reduzidas para metade para alcançarmos uma trajetória sustentável.

No meio da crise causada pela pandemia, há uma oportunidade: garantir que os pacotes de resgate não recuperem apenas a economia sustentada no carbono de ontem, mas que nos ajude a construir uma economia mais saudável, com baixos níveis de produção de carbono, alta resiliência e centrada no bem-estar humano.

O argumento de reconstruir as economias de acordo com as metas ambientais tem um grande apoio público. Uma investigação recente da Ipsos Mori mostra que 71% da população mundial entende que as alterações climáticas representam um risco tão grave como a crise do Covid-19, e 65% acha que a primeira deve ser prioridade na recuperação económica. Isto não é apenas nos países industrializados que podem mais facilmente dar-se ao luxo de tornar as economias mais verdes; 81% dos cidadãos da Índia e 80% dos mexicanos também estão fortemente a favor de uma recuperação económica verde e saudável.

Uma das primeiras instituições a pedir esta abordagem dupla foi a Agência Internacional de Energia, que publicará um relatório detalhado este mês com as políticas que os governos podem adotar na recuperação económica enquanto descarbonizam. Entretanto, o Fundo Monetário Internacional não está apenas a recomendar que os pacotes de estímulo fiscal sejam baseados em medidas ecológicas, mas também o fim dos subsídios aos combustíveis fósseis e a tributação às emissões de carbono.

Um número crescente de líderes corporativos também exige que os pacotes de estímulo do governo incluam medidas verdes. No Reino Unido, o apelo de um grupo de grandes líderes empresariais ao governo para adotar uma recuperação verde foi respondido pela declaração do primeiro-ministro de que o compromisso do Reino Unido de zero emissões "permanece inalterado". Na Europa, 180 líderes empresariais, políticos e investigadores incitaram explicitamente a EU a criar um pacote de recuperação dentro do Green Deal. Enquanto isso, o governo espanhol lançou recentemente uma lei ainda por aprovar que proíbe todos os novos projetos de carvão, petróleo e gás, estabelecendo assim a direção da recuperação pós Covid-19. No Canadá, mais de 320 pessoas representantes de mais de 2.100 empresas uniram-se para oferecer suporte a uma recuperação resiliente.

Talvez mais surpreendente sejam as indústrias de carbono que confirmaram que continuam a descarbonizar apesar da pandemia, incluindo BP, Shell, Daimler e Rio Tinto. Oito grupos de investimento, incluindo BNP Paribas Asset Management, DWS e Comgest Asset Management, ressalvaram os empresários a manter o foco na descarbonização enquanto lidam com as consequências da crise. A Net Zero Asset Owner Alliance, um grupo de investidores institucionais que representam mais de US \$ 4,6 bilhões em ativos sob gestão (AUM), permanece comprometido com uma "mudança irreversível para uma economia resiliente e inclusiva". E a BlackRock, a maior administradora de ativos do mundo, com US \$ 7,4 bilhões de dólares americanos, prometeu punir os diretores das empresas que não acautelarem os riscos ambientais em 2020.

Mas nem tudo são boas notícias. Para todos os corporativos que demonstraram compromisso em tornar a economia mais verde, há outros que não aderiram a estes valores. Alguns usaram a crise como uma oportunidade para reverter compromissos ambientais ou promover projetos e leis controversas. As empresas de plástico nos EUA fizeram lobby para reverter as leis de uso único, enquanto três estados criminalizaram protestos ambientais. Na Europa, a indústria automóvel está a pressionar para diminuir as restrições de emissões; as companhias aéreas estão a pressionar para que 2020 deixe de ser o ano de referência nas emissões, e a China anunciou que vai abrandar a legislação ambiental para impulsionar a recuperação pós-coronavírus.

É a altura de fazer ouvir e lembrar aos líderes a principal responsabilidade: proteger os seus cidadãos e colocar o bem-estar humano no centro do processo de tomada de decisão. Parte disso já está a acontecer. Organizações a representar mais de 40 milhões de profissionais de saúde de 90 países em todo o mundo acabaram de publicar uma carta aberta aos líderes do G20 com os principais consultores médicos a apoiarem uma "recuperação sustentável", onde as emissões de carbono devem ser bastante reduzidas.

As crises são um momento de ruptura e mudança. A meio da pandemia, enfrentamos uma escolha entre recuperar a economia global em torno do carbono que nos deixou no caminho da degradação ambiental ou acelerar a transição para um futuro que dá prioridade à saúde das pessoas e do planeta. Hoje, esse futuro pode estar mais próximo e ao nosso alcance do que no início de 2020.